



Marta Santos © Ciência Viva

Famelab: a ciência explicada por palavras e gestos

Alimentar a sua própria curiosidade e despertar a dos outros é o que move a investigadora Marta Santos, de 27 anos, estudante de pós-doutoramento em Física na Universidade de Aveiro e vencedora da final portuguesa do Famelab. Na mais recente edição portuguesa deste concurso internacional de comunicação de ciência, entre várias apresentações que envolviam civilizações extraterrestres, vírus, moscas e até carícias, Marta Santos ganhou o 1.º prémio, bem como o Prémio do público, falando sobre o papel do cérebro na criação e gestão das nossas amizades. O tema vai levá-la aos palcos de Cheltenham, no Reino Unido, nos dias 3, 4 e 5 de junho, para representar Portugal na final internacional do Famelab.

O concurso desafia os participantes a apresentar temas científicos num tempo limite de três minutos, recorrendo apenas a palavras e gestos, e algum objeto que seja relevante para a explicação. Ao contrário do que acontece habitualmente em apresentações científicas, nesta competição não são permitidos *powerpoints*. “Gosto muito do desafio de, escolhido um tema científico, pensar como vou estruturar uma história sobre ele de forma a envolver o público e conseguir que ele me acompanhe na apresentação do início ao fim, sem perder ninguém”, explica-nos por correio eletrónico Marta Santos.

AS PEÇAS CERTAS DO PUZZLE

Ouviu falar do papel do cérebro na gestão de amizades pela primeira vez há alguns anos, por um colega de Antropologia no grupo de investigação onde fez o doutoramento. “Achei a ideia tão curiosa e interessante que fiquei com ela a ecoar no meu cérebro à espera de uma altura em que pudesse

estudar mais sobre o assunto”, conta a investigadora. Decidiu partilhar o seu interesse pelo tema quando foi apurada para a final do Famelab, e pôs mãos à obra. “É como se o tema no geral fosse um *puzzle* com muitas peças, que formam uma determinada imagem: em três minutos não posso mostrar ao público todas as peças do *puzzle*, portanto o desafio é descobrir quais as peças certas para, dentro do possível, conseguir dar uma ideia geral da imagem, sem partes em branco (partes mal explicadas).” Restava-lhe treinar bastante e procurar dentro do possível controlar o nervosismo.

Quando se fala em fazer ciência e comunicá-la, Marta Santos identifica um ingrediente comum essencial: a curiosidade. “Ao fazermos ciência, começamos por alimentar a nossa própria curiosidade, a tentar encontrar respostas para porquês. Ao comunicar ciência, procuramos também despertar e alimentar a curiosidade de quem nos ouve. E quando comunicamos a ciência feita por outros, como foi o meu caso na final nacional do Famelab, o primeiro passo é mesmo alimentar a nossa própria curiosidade!”

Criado em 2005 pelo Cheltenham Science Festival, no Reino Unido, o Famelab nasceu com o objetivo de encontrar novas vozes na ciência e na engenharia. O concurso ganhou expressão mundial com o apoio do British Council e, hoje, realiza-se anualmente em mais de 25 países de todos os continentes. Em Portugal, é organizado desde 2010 pelo Ciência Viva e pelo British Council, aos quais este ano se juntou a Fundação Gulbenkian como entidade parceira, através do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. ■

Vídeos e mais informações em www.famelab.pt